

HOMENAGEM A DARCY RIBEIRO

Tenho acompanhado por cartas e jornais o ambiente em nossa universidade e a perseguição aos colegas do Rio, de S. Paulo, Porto Alegre, numa odiosidade sistemática à cultura. Pelo que sei nossa casa começa a reagir, o pessoal de ciência começa a chegar e vai dando substância à instituição.

Trecho de carta de Darcy Ribeiro a Anísio Teixeira aos 11 nov. 1964



Em tempos em que a liberdade de pensamento, a autonomia de cátedra e a produção do conhecimento encontram-se ameaçadas, e em que as universidades públicas brasileiras resistem como espaços de mobilização e reflexão crítica frente a conjuntura de retrocessos no campo dos direitos no Brasil que é arrefecida em 2016, a presente edição de Abya Yala – revista sobre acesso à justiça e direitos nas Américas homenageia Darcy Ribeiro.

Mundialmente conhecido pelas suas amplas contribuições aos campos das ciências humanas e sociais, bem como, pela sua incidência política e educacional no Brasil, Darcy é uma dessas figuras humanas provocativas que consegue transcender o seu próprio tempo e adquirir uma vivência sempre atual. Com seu olhar sensível e reflexões acuradas, ele caminhou por diferentes áreas do conhecimento – antropologia, sociologia, educação, ciência política, entre outras – e constituir-se referência obrigatória em vários temas e estudos.

Para nós, do Conselho Editorial de *Abya Yala*, sua figura é duplamente importante: tanto pelo seu legado de estudos como pela sua decisiva incidência na viabilização de nossa Universidade de Brasília (UnB).

Nascido em 1922 na cidade de Montes Claros, localizada no Estado de Minas Gerais, Brasil, Darcy Ribeiro realizou seus estudos em Antropologia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, participou ativamente da vida política e cultural brasileira até falecer, em 1997, aos setenta e quatro anos, em Brasília, Distrito Federal, Brasil, vitimado pelo câncer contra o qual lutou nos últimos anos de sua vida.

Em um percurso biográfico que inclui dedicação profunda ao estudo com populações indígenas e gestão pública, encontramos passagens memoráveis, como a suas criativas e revolucionárias contribuições para inovação no campo de políticas públicas e educacionais. São exemplos disso a proposição de novos paradigmas institucionais universitários - com destaque para a projeção das instituições de ensino Universidade Estadual do Norte Fluminense, no Rio de Janeiro, e da própria UnB, em Brasília.

Suas primeiras contribuições no campo da gestão pública decorrem de sua atuação junto ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI), no qual ingressou no ano de 1947 (e no qual esteve à frente da Seção de Estudos a partir de 1952) e para o qual convergiu sua formação acadêmica como antropólogo e etnólogo. Durante o período em que esteve vinculado ao SPI, Darcy teve a oportunidade de travar contato e conviver com diferentes povos indígenas e participar da fundação do Museu do Índio, vinculado à Fundação Nacional do Índio (Funai), em 1953, e da projeção do Parque Indígena do Xingu, em 1961, do qual participou enquanto funcionário do SPI

juntamente com os irmãos Orlando e Claudio Villas-Boas.

Nessas décadas iniciais a produção de Darcy é focada, sobretudo, no campo da antropologia. Destacamos “*Kadiwé: ensaios etnológicos sobre o saber, o azar e a beleza*”, que foi publicado em 1950 após anos de sua vivência junto a comunidades indígenas, incluindo os índios *Kadiwé*, no Brasil.

Já a década seguinte, de 1960, é marcada por produções decorrentes de seu forte engajamento e militância política e educacional no Brasil, notadamente com sua participação no governo João Goulart. É desta década algumas de suas principais produções: “Plano orientador da Universidade de Brasília”, 1962, instituição da qual, inclusive, foi o seu primeiro Reitor, e “A universidade necessária”, 1969, obra escrita durante seu exílio.

A partir de 1970 vemos um Darcy educador atingindo o auge de sua potência analítica, para a qual convergiram suas experiências, suas resistências, sua criatividade. São obras desta lavra “*Propuestas - Acerca de la Renovación*”, de 1970, “*Université des Sciences Humaines D’Alger*”, de 1972; “*La Universidad Peruana*”, de 1974; e “*UnB - inversão e descaminho*”, de

1978. Esse período é marcado pela sua vivência estrangeira, em exílio, momento em que participou de importantes processos de reformas educacionais na Argélia, no Peru e na Venezuela.

Desde o exílio, Darcy alcançou a América Latina e travou contato com outras realidades, outras conjunturas e problemas persistentes. Desta diversidade reflexiva decorreu uma nova gama de publicações, então dotadas de acidez que lhe caracterizam a escrita até seus últimos escritos, tais como “Aos trancos e barrancos - Como o Brasil Deu no que Deu”, de 1985; “América Latina: a pátria grande”; “Nossa escola é uma calamidade”, de 1984; “Universidade do terceiro milênio - Plano Orientador da Universidade Estadual Norte Fluminense”, de 1993; “O Brasil como problema”, de 1995; e o clássico “O povo brasileiro - A formação e o sentido do Brasil”, de 1995. Sobre este último, para o testemunho - destes que caracterizam as grandes personagens e personalidades históricas -, de que foi necessário ao Darcy Ribeiro fugir do hospital em que esteve internado para que tivesse condições de finalizar a escrita. Fugir, não: libertar-se.

Mas não foi apenas nos campos da educação, da antropologia e da sociologia que Darcy se notabilizou: ele também foi notável pela sua produção literária, sendo eleito para ocupar a Cadeira de número onze da Academia Brasileira de Letras no ano de 1992. Dentre seus romances destacam-se *Maíra* (1976), *O Mulo* (1981), *Utopia Selvagem* (1982) e *Migo* (1988).

No campo político, exerceu os cargos de Vice-governador do Estado do Rio de Janeiro durante o governo de Leonel Brizola, foi Senador pelo Estado Rio de Janeiro e Ministro de Estado, exercendo a chefia da Casa Civil durante governo de João Goulart, que foi duramente perseguido e interrompido pelo Golpe Militar de 1964.

Seu legado é hoje zelado pela Fundação Darcy Ribeiro (FUNDAR), sediada em Santa Teresa, no Rio de Janeiro, e pelo Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo), construído no campus da Universidade de Brasília em 2010.

Esta homenagem é também um conclave às companheiras e companheiros das diversas universidades públicas necessárias, que ousam pensar o Brasil como um problema e resistem às mais escalabrosas estratégias de

criminalização da docência no ensino superior, da investigação crítica sobre nossa realidade, desde a qual recusamos fechar os olhos para não enxergar o desmonte da inacabada democracia brasileira.